

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	22. NOV. 1974	COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

MELO ANTUNES NO REGRESSO A LISBOA:

A ARGÉLIA PODERÁ ABRIR A PORTUGAL AS PORTAS DO MUNDO ÁRABE



Melo Antunes ao dizer aos jornalistas que as conversações que manteve em Argel sobre a descolonização de Angola foram de «natureza reservada»

«É para nós, portugueses, de grande interesse mantermos relações estreitas com a Argélia. Esse país e o seu presidente são uma das chaves que nos podem abrir as portas do mun-

do arabe, em muitos domínios», declarou, ontem, à sua chegada a Lisboa, o ministro sem pasta Melo Antunes, que nos últimos

(Continua na 11.ª página)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	22. NOV. 1974	COMÉRCIO DO PORTO
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA

ARGEL "LIMA AS ARESTAS" NOS CONTACTOS ENTRE PORTUGAL E O M. P. L. A.

— observa-se na capital argelina

(Continuado da 1.ª página)

dias, manteve em Argel conversações com o presidente Houari Boumediene e outras autoridades locais, dos sectores político, diplomático e económico. A propósito do encontro, na quarta-feira, com o dr. Agostinho Neto, «leader» do M.P.L.A., o major Melo Antunes classificou de «estritamente reservada» a natureza dos assuntos tratados, revelando apenas que as conversações versaram o problema da descolonização de Angola.

«A finalidade principal da minha viagem foi uma ida a Argel, onde tive oportunidade de contactar com as autoridades locais, a vários níveis, e, em especial, de ter um encontro — que eu reputo de bastante importante — com o presidente Boumediene», começou por dizer aos jornalistas que ontem o aguardavam no aeroporto o ministro Melo Antunes, que acrescentou:

«Foram discutidos muitos problemas que interessam a ambos os países, nomeadamente o da descolonização, assuntos económicos, relações que se podem vir a estabelecer, num futuro próximo, no campo cultural, económico e, ainda, assuntos políticos de natureza mais geral que interessam a toda a área geopolítica em que os dois países estão inseridos: a bacia do Mediterrâneo, de que nós somos a ponta mais avançada a oeste. Em conversações com outras autoridades argelinas pude, também, reforçar laços que eram, por enquanto, bastante ténues. Efectivamente, os únicos que nos ligavam aos Argelinos vinham do tempo da resistência antifascista, quando muitos dos nossos resistentes passaram alguns anos de exílio na Argélia. Isso pode dizer-se que foi um elemento bastante positivo e que, de certa maneira, contribuiu para que eu agora tivesse sido recebido em clima altamente favorável às minhas conversações. Com essas autoridades, pude trocar impressões, ao nível do partido argelino, do sector diplomático e económico, que, julgo, podem dentro de algum tempo, começar a produzir frutos concretos.»

«Relativamente simples o problema de S. Tomé e Príncipe»

Depois de se ter recusado a concretizar os pontos debatidos com Agostinho Neto, o major Melo Antunes, referindo-se às conversações anunciadas para o próximo sábado, com uma delegação do M. L. S. T. P. na capital argelina, adiantou:

«Embora não esteja directamente envolvido nas conversações relativas à independência de S. Tomé, suponho que é um problema que vai ser relativamente simples de resolver, dados os contactos de natureza reservada que já houve antes e que prepararam o caminho para a solução a curto prazo.»

Informado, depois, da presença em Lisboa de um elemento do Comité Executivo da Frelimo, dr. Joaquim Carvalho, o ministro comentou:

«Estive bastante empenhado nos problemas relativos à descolonização de Moçambique e nas conversações com a Frelimo.

Há todo um contencioso que está pendente, nomeadamente no campo económico e financeiro, e é necessário prosseguir as conversações e aprofundar tudo aquilo que foi acordado em Lusaca. Esses acordos em si mesmo têm um valor e um significado eminentemente político, mas é, agora, preciso tirar todas as consequências no campo económico, cultural, financeiro, etc. E isso justifica conversações a vários níveis e durante muito tempo, até à independência e, depois desta, no campo da cooperação.

A importância das relações com a Argélia

«Considero que a Argélia é, por aquilo que representa sob o ponto de vista político, um dos nossos aliados naturais do Terceiro Mundo», afirma em seguida, o ministro Melo Antunes, respondendo a uma pergunta sobre a importância da contribuição daquele país no processo de descolonização em que Portugal se encontra empenhado.

E, a terminar, o ministro, depois de ter salientado que a Argélia atravessa presentemente uma fase de desenvolvimento acelerado que lhe permitirá, rapidamente, ultrapassar o subdesenvolvimento crónico em que tem estado, mercê da dominação colonial francesa, acentuou:

«Nós próprios podemos colher alguns ensinamentos da experiência argelina, embora o modelo político argelino não tenha que ser por nós copiado. Estamos muito longe disso, somos um país europeu com outras características e, portanto, o que poderemos aproveitar são certas fórmulas de desenvolvimento económico, que nos poderão servir de inspiração.»

A Argélia é um país — sobretudo o presidente Boumediene — com uma grande influência no mundo árabe, em todo o Norte de África e no mundo árabe propriamente dito. Por isso, é para nós, portugueses, de grande interesse, mantermos relações estritas com a Argélia. Esse país e o seu presidente são uma das chaves que nos podem abrir as portas do mundo árabe em muitos domínios.»

Entretanto, no final das conversações com o presidente argelino, Melo Antunes declarou que aquele encontro lhe havia dado a possibilidade de reconhecer na prática a identidade das nossas posições sobre diversos problemas», informa, de Argel, a agência noticiosa France Presse, num telegrama em que acrescenta ter o ministro português afirmado também que as negociações relativas ao processo de descolonização de Angola continuam a desenvolver-se num clima de «autêntica fraternidade».

Argel, centro adequado para as negociações sobre descolonização

ARGEL, 21 (Crónica especial da A.F.P. para o «Diário de Notícias»). — Chegado muito discretamente a esta cidade, o ministro português Melo Antunes encontrou-se com Agostinho Neto na manhã de quarta-feira e com ele conversou durante bastante tempo soube-se, já tarde, em Argel, ao cair da noite desse dia. Efectivamente, a vinda destas duas personalidades à capital argelina foi rodeada do mais completo silêncio, e teria mesmo passado despercebida se um comunicado da Presidência do Governo não houvesse assinalado o facto, acrescentando que o presidente Houari Boumediene tinha concedido audiências sucessivas aos dois políticos.

E muito provável, comentam a propósito os observadores, que o encontro dos «dois emissários» tenha sido programado há já algum tempo e que a sua chegada se tenha verificado no campo militar de Boufarik (perto de Argel), rigorosamente guardado e fora do acesso da imprensa. A mesma discreção envolveu a residência de ambos, assim como o recanto onde se desenrolou aquilo que aqui se conhece pelos «preliminares das discussões sobre a independência».

Mas todos os observadores atentos da capital argelina conhecem a grande «villa branca escondida nos jardins da parte alta da cidade, onde nos últimos meses se via Mário Soares parlamentarando com o comandante Pedro Pires, quando das conversações luso-guineenses.

Argel abriga — desde há anos — os elementos destacados (e algumas vezes os estados-maiores) dos movimentos de libertação devidamente acreditados junto da F.L.N., partido único argelino, que lhes concede refúgio e os apoia.

A capital da Argélia, importantíssimo centro do Terceiro Mundo, continua assim a desempenhar a dupla função de rotunda estratégica e de lugar geométrico político, utilizado por asiáticos (o G.R.P. do Vietname do Sul instalou ali uma importante central que acabou por ser promovida à classe de embaixada), africanos (especialmente o M.P.L.A. e a Frelimo), os escritores árabes do Al Fath, os americanos com os «panteras negras», e, finalmente, os europeus (portugueses e espanhóis) com as suas diver-

sas tendências. Na Argélia, parte-se do princípio de que a vitória dos movimentos revolucionários que lutam pela independência está sempre assegurada.

A Argélia — confirmou-o a primeira dos países não alinhados — põe à disposição dos movimentos de libertação a sua notável experiência, meios e infra-estruturas.

Hoje, os Portugueses, tendo claramente demonstrado e provado a sua vontade de descolonização são recebidos como amigos em Argel, onde os movimentos de libertação se podem considerar em sua casa.

Há tempo, a Argélia multiplicou as suas advertências sobre a descolonização dos «antigos territórios portugueses de África». Em Argel, o M. P. L. A. (único acreditado) é o «verdadeiro movimento», mas procura-se saber o que acontece aos rivais, excluindo os autonomistas e pró-imperialistas. Argel levanta-se contra uma balcanização africana e defende a unidade. Foi o principal conselho dado aqui a Agostinho Neto e a Marcelino dos Santos.

Os contactos havidos entre os delegados portugueses e angolanos, ambos animados de uma grande boa vontade e de um verdadeiro desejo de encontrar soluções, têm sido fraternais — dizem as duas partes.

Os Argelinos — discretos e amigáveis — limam as arestas e, apoiados nas suas experiências, podem fornecer conselhos a ambos. E por isso que se pensa que, provavelmente, vão desenrolar-se aqui as negociações definitivas, se este primeiro contacto tiver sido positivo, como tudo indica.